

GRUPO FRENTE

24/3/1957

ARTES PLÁSTICAS

9.ª PÁGINA

CONVERSA COM O PINTOR JOÃO JOSÉ

João José S. Costa, jovem pintor e arquiteto carioca, é um dos elementos mais valiosos do grupo de artistas concretos brasileiros. Estudou com Ivan Serpa, expôs várias vezes com o Grupo Frente (de que faz parte) e compareceu à Exposição Nacional de Arte Concreta, no Rio e em São Paulo. Formado em arquitetura, ano passado, João José inicia a sua carreira de arquiteto.

F. G.

Repórter — Você foi sempre pintor não-figurativo, concreto?

João José — Não. Meus primeiros trabalhos eram figurativos. Desenhos figurativos.

R — Por que mudou?

JJ — Encontrei na arte concreta uma expressão mais afim ao que sou, a meu temperamento.

R — Como se deu a mudança?

JJ — Entrei para o curso do Ivan Serpa onde, durante vários meses, fiz desenhos figurativos. Mas o contato com a arte concreta me despertou o interesse e, em casa, fui fazendo minhas experiências com elementos geométricos. Aliás, eu era, naquela época, estudante de arquitetura e já as formas simples da geometria e suas combinações exerciam fascínio sobre mim. Quando mostrei minhas experiências não-figurativas ao Serpa, ele ficou muito interessado e isso me incentivou bastante.

R — A pintura figurativa ainda tem para você algum interesse?

JJ — Para eu fazer, não.

R — E de modo geral, isto é, para os outros?

JJ — Cada qual faz o que lhe agrada.

R — A pintura abstrata parece-lhe um caminho fecundo?

JJ — É difícil dizer... Creio que a pintura concreta apresenta um campo bem mais rico, com muita coisa ainda por explorar.

R — Há quem diga que a pintura abstrata não resistirá por muito tempo.

JJ — Isso ninguém pode saber. É possível que amanhã ninguém mais faça pintura, mas também é possível que daqui a mil anos ainda se faça pintura abstrata... ou concreta...

R — Podia nos contar como nascem seus quadros?

JJ — De um modo geral, há no início uma vontade organizadora... uma determinada vontade organizadora que não se precisa, mas que não se confunde com nenhuma outra... Depois começa o quadro... As vezes, por exemplo, tenho vontade de usar um grande campo vermelho — foi o caso de um dos quadros que expus no Salão de Arte Concreta. Parto daí para organizar o resto.

R — E o resto?

JJ — Bem. Continuando a falar desse mesmo quadro: pensei em usar uma espiral de quadrados sobre o fundo vermelho, mas de modo que esses quadrados fossem reduzidos a dois de seus lados apenas: esses lados, os dispus seguindo o ritmo da espiral e procurando criar uma relação de conflito com os outros lados dos demais quadrados.

R — E a cor, como c'emprega?

JJ — Conforme o caso. No quadro a que me referi agora, minha intenção era dar às linhas uma cor que fizesse bastante contraste com o fundo vermelho, a fim de que elas se destacassem. Em outros quadros, busco a vibração ou a ação de uma cor sobre outra.

R — Cada quadro seu é uma coisa realçada em si mesma ou você o faz com a intenção de usá-lo mais tarde na arquitetura?

JJ — Não, faço um quadro para fazer um quadro. Aliás, sempre que, ao acabar um trabalho, percebo que ele não se basta a si mesmo, que parece mais o esboço de um azulejo, de uma decoração, desmancho-o.

R — Já fez mural?

JJ — Não. Nem me parece que se deve fazer murais, pelo menos no sentido tradicional.

R — Como assim?

JJ — Um mural, pintura na parede, me parece coisa sem sentido. É quase sempre uma embromação de que se vale o arquiteto para resolver certos problemas de arquitetura. Ou são os registros de gás que o arquiteto quer esconder na entrada do edifício, ou é uma parede morta, a que ele quer dar animação: chama então o pintor e manda fazer um mural... O máximo que admito é o azulejo, mesmo o azulejo em série. Mas uma composição com azulejos de cores diversas ainda me parece a melhor solução para tais casos.

R — Qual seria, então, a seu juízo, a função do pintor na arquitetura?

JJ — Fazer esses azulejos... Ou vender um quadro para o morador dependurar na parede de sua sala.

R — Qual o pintor de sua preferência?

JJ — Max Bill, como pintor e escultor.

R — Faz também escultura?

JJ — Tenho feito estudos em papel. Espero arranjar uma oficina para executá-los. Creio que se deve experimentar tudo.

R — Faz gravura?

JJ — Não.

R — Em matéria de arquitetura, a quem prefere?

JJ — Oscar Niemeyer e Dr. Lúcio.

R — Quem é Dr. Lúcio?

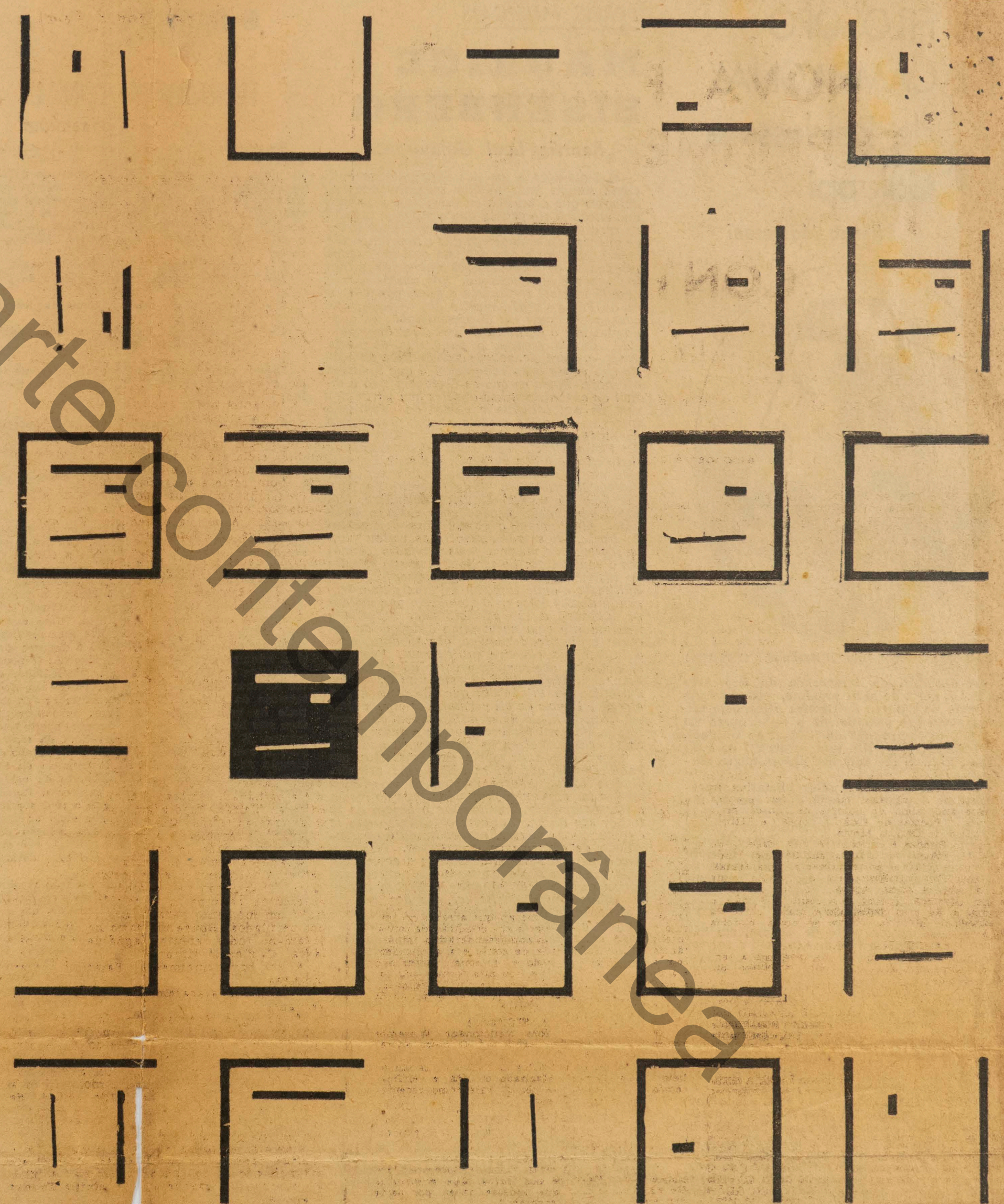
JJ — Lúcio Costa... São dois arquitetos diferentes. Niemeyer é o criador de formas plásticas de grande beleza. Lúcio Costa um artista cuidadoso, metódico, da ala dos "perfeccionistas", como Mies Van der Rohe, Le Corbusier, etc.

R — Há quem diga que a arquitetura brasileira passou dum período de criação para uma fase de estagnação... que acha disso?

JJ — Antigamente havia uma meia dúzia de arquitetos fazendo arquitetura moderna no Brasil, hoje há um número muitas vezes superior. A meia-dúzia de antigamente era gente boa, senão excepcional: eram exatamente os que se rebelavam contra a mediocridade da época. Hoje, fazer arquitetura moderna não é mais uma escolha: daí o número maior de ruínas arquitetônicas e o número maior de trabalhos medíocres.

R — Que remédio indicaria para esse mal?

JJ — O mal está na formação do arquiteto. É preciso que o estudante de arquitetura não aceite superficialmente a arquitetura moderna, mas procure entendê-la intimamente, para evitar as monstruosidades que se vêem: inovações aparentes, feitas de fora para dentro, sem nenhuma necessidade real.



Desenho de João José — Variações sobre um tema